

25-06-2020

O espécime parasita do Brasil

Sônia Gertner

[Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência.
Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fundação Oswaldo Cruz]

Da minha janela todos os dias venho assistindo um fenômeno que me preocupa, me inquieta e entristece.

Faz muitos anos foram plantadas árvores no quintal de meu prédio. Vi crescer cada árvore, plantei mais algumas sementes trazidas de passeios pela Floresta da Tijuca, quando passeava com as filhas, ainda pequenas.

A cada manhã, quando abro a janela, vejo os raios do sol nascente refletindo em suas milhares de folhas verdes no encontro com o céu azul, ouço o canto dos pássaros que abriga e me distraio com seu voo, ou olho os micos que me divertem com saltos em seus galhos. De um tempo para cá tenho visto essas árvores serem tomadas por parasitas (espécie que cresce fincando suas raízes nos galhos da árvore, sugando sua seiva e levando-a à morte, popularmente denominadas de ervas-de-passarinho).

O parasita vai se entrelaçando, ocupando todos os espaços e enforcando a planta. Já não consigo enxergar os galhos e as folhas das jaqueiras do quintal. Em outros tempos já vi árvores seculares serem derrubadas por uma ventania, pois sua vida e força já haviam sido todas sugadas por ervas daninhas. O parasita não tem raízes, não tem história com aquele chão, não oferece proteção, nem fruto para alimento, não produz nada de bom. Ele não se sustém porque não é nada mais do que um parasita que golpeia a árvore que o acolhe até sufocá-la. De minha janela olho mais atenta e vejo que o parasita não está só nas árvores. Está em todo lugar. Ele se espalhou enquanto não levamos a sério a letalidade de seu parasitismo. Invadiu o espaço público, desarticulou movimentos sociais, retirou direitos inalienáveis, tentou calar a cultura, acabar com o trabalho, matar a saúde e a educação, abandonar os vulneráveis, invisibilizar as pessoas com deficiência, exterminar os diferentes, negar o racismo, calar as ciências sociais e negar todo conhecimento científico. Assim, constato que o Brasil vive o processo acelerado dessa invasão daninha que tenta sufocar nossa democracia plantada e regada com tanta luta. Vivemos uma distopia, palavra usada para descrever o oposto da utopia. Segundo o diretor da Organização Política da América Latina e Caribe [Opalc], Gaspard Estrada, em [entrevista à BBC News](#), em 20/06/2020, “a democracia brasileira está sob tutela”.

É assustadora a apropriação pelo Exército dos cargos de chefia na Esplanada dos Ministérios.

É preocupante a degradação institucional, a rejeição às regras da democracia, a incitação à violência nas ruas e nas redes sociais.

Inaceitável que em meio a pandemia que estamos vivendo o presidente peça aos seus apoiadores que invadam hospitais públicos para filmarem e mostrarem se de fato os leitos estão ocupados.

Está preocupado com os gastos, não com as vidas em risco de morte, não com os trabalhadores da saúde incansáveis na luta contra o coronavírus, e muito menos com a ausência vergonhosa de um ministro da saúde. Num olhar mais atento ainda vejo que o parasita entrou também nos espaços privados de nossas casas, separando até amores. Invadiu as igrejas, fazendo ecoar a canção retrógrada, preconceituosa e fundamentalista, fortalecendo os parasitas da fé (os já citados joios) que sempre estiveram por ali à procura de poder e oportunidade para tirar vantagens da fé do povo. Da minha janela no sétimo andar tenho vontade de pular em cima e arrancar todos aqueles tentáculos do parasita, assim como desejo liberar a árvore da democracia que é tão mais nobre e necessária do que toda essa folhagem inútil. Mas é preciso estratégia e, nesse momento, a mais indicada é uma poda radical. Sim, não pode ficar nenhum broto de parasita, pois senão volta a crescer. Precisamos de todos os braços, de todas as instituições democráticas, de toda a sociedade que está indignada.

Não vamos tolerar o fascismo bolsonarista, não vamos permitir que esse parasita sufoque nossos sonhos de uma sociedade mais democrática, inclusiva e justa.

Em outros tempos de invasão, não tão longe assim, a resistência se fez também através das canções.

Uma delas, inesquecível, se tornou um canto oficial de quem não aceitava a ditadura:

**Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê
Flor, flor e fruto
(Coração de estudante,
de Milton Nascimento e Wagner Tiso)**

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.